



## ENTREGÊNEROS LITERAIS E ENTREGÊNEROS LITERÁRIOS: A FILOSOFIA E A FICÇÃO DO TRIZ\*

Hilan Bensusan\*\*

**Resumo** – Elizabeth Costello, de Coetzee, é invocada para explorar os pequenos espaços escorregadios e mal iluminados que separam tanto os gêneros literários quanto os gêneros literais: o ensaio, o romance, o masculino, o feminino. A ideia de gênero como batente para a escrita e o pensamento é considerada em suas estrias, bordas e curvaturas. Para tanto, o triz que separa a simulação e o desejo também é explorado, já que personagens são misturas imbricadas entre cisos autênticos e borrões-padrão. Escrever, pensar, desejar ou ser alguém são assuntos de clinamina: de pequenos desvios. Por isso, o texto explora o que se passa em um triz.

**Palavras-chave:** Gêneros literários. Gêneros literais. Triz. Identidades sexuais. Coetzee.

Esta noite eu vou falar do que está por um triz. Ou por dois, ou por três. Qual é o tamanho de um triz? Há em circulação um falômetro para quem acabou de nascer: se o falômetro indica algum número entre um centímetro e dois centímetros e meio, quem nasceu fica a um triz de ganhar roupas azuis e a um triz de ganhar roupas cor-de-rosa. Quando falta um triz, vamos para o limbo – aquele espaço não sancionado, abjeto e que quase sempre só pode ser visto em alta velocidade. Ficamos do lado de fora das categorias, onde mora o delírio; do lado de fora das montanhas das curvas normais, onde mora o meandro. No meandro se costumam as tramas. Tramas nunca são feitas de um fio só, nunca ficam num *Locus Solus*.

Era uma vez um homem, portando paletó e calças forradas. Ele é visto saindo da casa gradeada, tranca a porta e sai para a rua – as meninas gritam: é o ladrão. É assim que se veste o ladrão? Que espécie de ladrão é esse, portando o paletó do respeito – talvez eu devesse procurar algum triz que tirasse do paletó a qualidade do respeito. Trancamo-nos dentro de casa – a rua estava aberta a aquele transeunte que infecta, o ladrão. Eu nunca

---

\* Texto apresentado por Elizabeth Costello no FIFI de 2009, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Veja a apresentação em quatro partes começando aqui: <<http://www.youtube.com/watch?v=IfpQfxaiqjM>>.

\*\* Professor adjunto na Universidade de Brasília (UnB). Seus interesses de pesquisa envolvem metafísica, especulação, filosofia do processo e política. É autor dos livros *Heráclito – Exercícios de Anarqueologia* (Ideias e Letras, 2012) e *Pacífico Sul – Ou, Teoria Geral da Referência* (Confraria do Vento, 2012). E-mail: hilantra@gmail.com

tinha visto o ladrão. Nunca vi o vadio nem a esposa exemplar e raras vezes a pipoqueira da esquina – ou qualquer dessas pessoas com o destino gravado em bronze. Trancamos as portas, as janelas e só respiramos o nosso próprio ar.

Esta é a ficção do nosso passado: nós conseguimos, ao fazer milhares e milhões de ficções individuais, ficções criadas por seres humanos individuais, grudar uma na outra para parecer um passado comum – um código de endereçamento postal do que já foi passado, com o passado, o presente e o futuro do passado (COETZEE, 2004, p. 38, tradução nossa).

Quando alguém nasce, uma matriz de personagens tenta lhe dar cabimento: mesmo os corpos são corpos de personagens, as curvas são curvas normais.

Os limbos são o contrário das identidades. Os limbos são os declives das curvas normais. O triz fica evidente quando olhamos para os rabos das curvas normais; nos rabos das curvas normais, vivem o áspero, o refugio, o resto – que são temas para os intelectuais delirados por Ana Cristina Chiara. No resto, fica uma multidão de "não era bem isso". É o que não desliza, o que não passa despercebido, o que salta aos olhos acostumados a um certo andar das categorias. Quantos trizes fazem uma *performance*? Uma vida? Quantos centímetros, quantos centilitros de hormônio, quantas centenas de palavras? Dizem que os padrões de ativação do córtex são diferentes entre cis-homens e transmulheres. Transpessoas são aquelas que fizeram uma transição desde sua categoria de sexo de nascença. Cispessoas são aquelas que não atravessaram o Rubicão. Os padrões de ativação são padrões. Uma transmulher é um caso de ginefilia – ginefilia? Um apego às mulheres, uma fissura pelo que é feminino: como a cliente que quer o biquíni igual ao que viu no corpo da modelo, como o cliente que quer a boneca inflável igual ao corpo da modelo, como uma menina vestindo sua boneca, um menino bolinando debaixo da saia da boneca da sua irmã. O desejo é um alvo. É para lá que eu vou. Eu quem? O desejo move as minhas montanhas, me faz deslizar das montanhas por um triz, passar pelo rabo da curva normal. Desejo e acaso – e as tais curvas normais – que poderoso duo para construir um universo. E a ginefilia, dizem as más línguas, fez homens construir civilizações, destruir civilizações, construir civilizações. Quanta ginefilia? Às vezes, a ginefilia é só um amor a Jocasta, por parte da menina que cresce vendo a mãe cortejada ou cravejada da atenção dos homens. A menina poderia querer ser cortejada por eles, mas sentiu, por um triz a mais, a ginefilia deles – a heteroginefilia deles. Não quer só ser uma mulher, quer ter uma mulher. O desejo heterossexual dos homens é ginefílico, mas e quem quer levar ao alvo do desejo seu próprio corpo? Genesis P. -Orridge fez da sua vida uma *performance* da mulher que amava. Como se faz uma *performance* assim? Operação, injeção, recombinação, saia-balão – a receita está pelas clínicas e pelos teatros, mas é encontrada na rua. As transmulheres têm outro padrão de ativação do córtex, talvez não seja em cada caso muito diferente dos cis-homens ensandecidos de ginefilia, uma meia dúzia de

trizes. Alguns homens querem ser as mulheres que querem, alguns homens querem ter as mulheres que querem, alguns homens querem ter os seios das mulheres que querem, alguns homens querem ter as pernas das mulheres que querem; as pernas, as ancas, as nádegas, as costas. Alguns querem possuir os ombros, ter aqueles ombros. O desejo se move de triz em triz.

Estrias, ondulações, dobras, onde a passagem é áspera: há quem puxe de um lado, há quem puxe de outro. Quem escreve está no meio desse cabo de guerra. Quem atua está no meio desse cabo de guerra. Há meia dúzia de trizes de diferença.

Quem escreve tem convicções apenas provisoriamente: convicções fixas atrapalham o caminho. Muda-se de crenças como quem muda de roupa ou de casa, de acordo com as necessidades. Eu posso oferecer uma simulação das convicções, serve? (COETZEE, 2004, p. 195, tradução nossa).

Minha mão está à disposição: está para ser ocupada. Outras partes de mim estão à disposição: para serem ocupadas. Há diferença entre simular uma mulher em uma mão de homem e cruzar o Rubicão, e ter uma mão de transmulher. Há diferença: uma penca de trizes. Há diferença entre simular uma mulher em um corpo de homem e estar preparado para ouvir *Hic Rhodus, hic salta*. Há diferença: uma medida de autoginefilia. Querer ter em si mesmo uma mulher. Há diferença entre querer ter uma saia e um par de pernas vestido de meia-calça, e querer inserir progesterona e estrogênio. Há diferença: algumas ativações no córtex. Há diferença entre a Mme Bovary na mão de Flaubert e Orlando; há diferença entre o Proust no corpo da Albertine e os padecimentos e as euforias de uma transmulher. A diferença? O trânsito entre a simulação e o desejo: o caminho da possessão. Emperra, empurra, impele, impede, vacila. Uma terra de ninguém entre gêneros, uma rachadura. Várias rachaduras, uma paisagem de erosões: entre escrever e fazer uma *performance*, entre ter um alvo heterossexual e cultivar uma dose mássica de auto-heterofilia, entre ser possuído por uma Pomba-Gira, possuir uma Pomba-Gira e querer fazer uma operação para se tornar uma Pomba-Gira; entre desejo e simulação. Flaubert tomaria umas cápsulas de hormônio, iria até uma bombadeira? A possessão vagueia por estados abstratos, particulares; por uns estados de disponibilidade:

A disposição para entrar nos lugares proibidos. Onde há riscos. Para o público e para si mesmo.

[...]

E correr o risco, a possessão é fragmentação, é uma força centrífuga, ela espalha, tritura. Há muitas rachaduras na paisagem, é possível estar dos dois lados de muitas delas. O rio Jordão entre quem só finge e quem deseja, quem é cis-desejo e quem é trans-desejo. Um rio de riscos. Os trizes de distância entre o literário e o literal. Mais uma vez há um trânsito

químico entre o cisliteral e o transliteral. As substâncias que simulam, simulam o desejo (COETZEE, 2004, p. 173, tradução nossa).

Cis e trans dependem da posição de alguém no meandro. Qual é o rio que ainda não foi cruzado? Há medidas de autoandrofilia entre as cismulheres. Beatriz Preciado (2008) se tornou uma viciada em Testogel porque era viciada em escrever – e queria um certo ímpeto, um certo estilo, uma certa transversalidade; queria uma velocidade, uma ignorância, uma atenção. Basta estar a alguns trizes de distância da testosterona em gel para que ele, sem ter sabor, sem ter cheiro, sem deixar marcas, se dissolva na pele como um fantasma que atravessa um muro. Entra sem chamar, entra sem fazer barulho – entra pelo contato. A pele é completa passividade para a possessão: não é necessário cheirar a testosterona, nem fumá-la, nem injetá-la. Basta aproximá-la e a pura vizinhança faz que ela ocupe os vasos sanguíneos, fazendo uma *performance* de outros desejos. A testosterona faz uma *microperformance* pelos canais do sangue, arregimenta, coordena, compõe, faz uns corpúsculos com o que encontra pela vizinhança, enrijece músculos, desativa cuidados, arremessa os braços que movem os braços. E faz escrever – faz a mão fazer essa *performance* encurvada, entontecida, paralisante. Beatriz Preciado elocubra a farmacopornografia. Não se trata de transsexualizar, ela quer fixar residência no meio do Rubicão: os sexólogos, dizia Haraway, estão perdendo o controle das pipetas do laboratório da *scientia sexualis*. O testogel foi dedicado aos cis-homens; as proliferações, os cromossomiais desejos, os caules, nem é só a paineira que atira coisas brancas pelo ar – a pirataria do testogel livra Beatriz Preciado do infértil da ninharia das bulas. Quando é que um corpo é deficitário? Não se trata de faltas, sempre falta – faltam palavras, faltam preconceitos com o texto escrito, o gel faz atravessar a rachadura entre a *gender bender* e a *gender hacker*. Preciado diz: “a masculinidade e a femininidade são como a depressão ou a esquizofrenia, ficções médicas definidas unicamente de forma retroativa acerca da molécula com que a qual se tratam”. A simulação tem um caminho de trizes para chegar até o desejo. O que faz o testogel? Promove o desejo ou simula o desejo? Deve ser devir. Mas muitas mulheres – ortodoxas, cisdoxas – tomam uma dose de testosterona se esfregando em fontes vivas da droga: em peitos, braços, pernas e regos masculinos. Autoandrofilia? Por um triz ou dois estariam em um transtorno de gênero: levo meu corpo até o macho ou levo o macho até meu corpo, hein?

E os trizes podem ser medidos pela exposição ao testogel. Os envelopes do produto veem em uma medida de cinco gramas. Um grama, outro grama, mais um grama. O hormônio se espalha pelo corpo, chega aos espaços entre os dedos, chega aos joelhos, chega aos ovários, chega às axilas, chega ao pulso, às mãos, aos dedos, às palavras escritas:

Ela se sente em um fluxo delicioso de forças que sobem com calma, com uma sensação de potência, de liberdade. Não, não esta máscara; não esta cabeça, ela não a quer, mas aquela

que ela vai vestir agora, que fica tão bem, que é do seu gosto – uma cabeça com os mesmos traços que a outra, mas mais duras, mais acentuadas. Inútil trocar olhares... Não haverá mais nada a descobrir, tudo será tão claro, tão evidente. É isso que ela deveria ter feito desde o começo, só as condutas fortes inspiram o respeito. As pessoas vão te aceitar como você é, as pessoas se inclinam, dóceis, olhem-me. Sentiu uma lágrima na ferida, agradável na sua dor, um bom sangue na liberdade. Começou a se levantar. Queria disparar como se este fosse um contrato. Alguma coisa estava errada. Ao se olhar, no caminho do chuveiro, viu a mancha, uma mancha rosa como se uma pequena framboesa ou talvez uma cereja tivesse se chocado contra sua púbis, colorindo com seus sucos de uma raiz inegavelmente vermelha. Deve ser tinta, mas não saía. Mas não podia sustentar a gargalhada. Se pelo menos pudesse sustentá-la por mais do que alguns segundos, contudo – se ela não fosse tão breve e tão amarga<sup>1</sup>.

Atravessa estados particulares, as palavras podem sair elegantes, delicadas, mesmo que cruas. E a substância graciosamente se dissolve, se desmancha, as palavras desfalecem, mudam de viço, como se o Sr. Kepesh, de volta do outro lado do rio Jordão, tivesse ido visitar um médico, Dr. Klinger, que dissesse: "hormônios são hormônios, arte é arte" (ROTH, 1972).

Talvez houvesse um tempo em que certos rios ninguém cruzasse, como se os meandros estivessem sempre por um triz, mas um triz mantido a distância.

Eu espero não estar abusando do privilégio desta plataforma para fazer comentários a toa, sobre quem eu sou ou sobre quem vocês são, meus ouvintes. Esta não foi a lição de nada do que eu falei; eu, que, no entanto, não estou em posição de ditar qual foi a lição de nada do que eu falei. Nós acreditamos que havia um tempo em que nós podíamos dizer quem éramos nós. Agora nós somos apenas performers, apresentando nossos papéis. A parte de baixo caiu. Nós poderíamos pensar nesses eventos como sendo trágicos se não fosse tão difícil ter respeito pelo que quer que fosse a parte de baixo que caiu – isso parece a nós como uma ilusão agora, uma dessas ilusões sustentadas apenas pelo olhar concentrado de cada um na sala. Retirem os olhos apenas por um instante e o espelho cai no chão e se desfaz em cacos (COETZEE, 2004, p. 19-20, tradução nossa).

Os gêneros literários e os gêneros literais – e os interstícios entre eles – são cacos de um espelho em que certos trizes parecem intransponíveis. E todos esses banhistas nadando no Rubicão, no Jordão, perambulando pelas rachaduras. Mas os rios não existem antes das margens. Quem chega à margem pode estar a um triz de nadar no rio: e, nesse caso, as

---

1 - Trechos justapostos de Sarraute (1959), Mailer (1972) e Roth (1972) (tradução nossa).

proliferações de gestos e trejeitos saem do controle dos sexólogos, as proliferações de palavras e estilos saem do controle dos estetas – da margem se pula para a marginalia. Eu desejo você. Eu simulo você. Eu possuo você. Eu escrevo de você. Eu performo você. [...] Eu vou fazer alguma coisa com você, já que você me ocupa, me transtorna, me cistorna, minha cisterna – um bueiro, no meandro das ruas, como a rede de esgotos dos meus gestos. Quanto do meu corpo, do meu tempo, do meu ímpeto eu vou entregar a você? A você, quem? Um espelho, eu preciso de um espelho, eu preciso da minha imagem no espelho.

## Between literally genders and literary genres: the philosophy and the fiction of a narrow escape

**Abstract** – Coetzee's *Elizabeth Costello* is brought in to explore the tiny gunky and badly light spaces between both genders and genres – both between literary postures and sexual identity impostures. Thus, the essay, the novel, the masculine and the feminine appear as countries between which there lies a border between desire and simulation. This is maybe because a character is always a mix of elements of scripted authenticity. To write, to desire, to think or to be someone deal in clinamina: in tiny swerves. As such, they deal in the minuscule, in the almost contemptible, in what takes place by the skin of a teeth.

**Keywords:** Genders. Genres. Transitions. Sexual identities. Coetzee.

## REFERÊNCIAS

COETZEE, J. M. *Elizabeth Costello*. Londres: Vintage, 2004.

MAILER, N. *An American dream*. Londres: Flamingo, 1972.

PRECIADO, B. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa, 2008.

ROTH, P. *The Breast*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

SARRAUTE, N. *Le Planétarium*. Paris: Gallimard, 1959.